

REVISTA
DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL
DE TURISMO, PROPA-
GANDA, VIAGENS,
NAVEGAÇÃO, ARTE
E LITERATURA ◻ ◻ ◻

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VII
II SERIE

5 DE JANEIRO 1923
N.º 127

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACITOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: *LARGO BORDALO PINHEIRO, 28* — TELEFONE 2337 CENTRAL

O TURISMO EM PORTUGAL

E A SUA FALTA DE PROTEÇÃO

ESTAMOS, ha sete anos, como unico orgão da industria do Turismo em Portugal, a batalhar com a metralha dos nossos melhores tropos e dos nossos mais convincentes argumentos, para mostrar quanto o nosso Paiz podia ganhar, moral e materialmente, com uma bem ordenada exploração d'essa portentosa industria, esperanças em que d'essas nossas sugestões alguma coisa viesse a produzir-se de proveitoso.

E' muito complexa uma organização de tal ordem — bem o sabemos; e, por isso mesmo, é que nos sentimos autorizados para, mais uma vez, dizer que, n'estes sete anos, tendo-se podido fazer alguma coisa de geito, pouco ou quasi nada se tem feito do muito que era absolutamente necessario para que já hoje pudessemos contar com o beneficio extraordinario que nos adviria se tivéssemos uma população fluctuante — já não diremos como tinha a França antes da guerra — mas natural e relativa aos recursos de que dispomos e que, a aproveitarem-se, seriam bastantes, se as coisas fossem o que deviam ser e não o que são.

Nem para isso precisávamos pôr em pratica os especiaes recursos de que a França se serviu para chegar á situação de apogeu que teve antes da guerra; nem, tampouco, aqueles de que se está servindo para a readquirir.

A nós, portuguezes, bastáva-nos os recursos naturaes, explorados sob uma criteriosa orientação, no sentido de extrahir-lhes os maiores e mais proveitosos beneficios.

— E teria sido tão facil, mesmo durante a guerra, prepararmo-nos para depois de assignada a paz colhermos os frutos immediatos d'esse trabalho!

Em França, a organização maravilhosa que existe, desde ha longos anos, sob a directa e immediata influencia do Touring Club de France, que tem sido a alma vitalisadora do desenvolvimento do turismo n'esse grande paiz, tem conseguido verdadeiros prodigios; e tantos tem sido, que se conta entre eles a segurança das providencias legislativas influenciadas e defendidas pelo *Grupo Parlamentar de Turismo*. (Sob este ponto esse grupo é absolutamente neutro em politica).

Póde mesmo dizer-se que essa nação está cercada por uma cadeia tão intimamente ligada, que não ha provincia, departamento, emfim — nenhum logar onde o turismo não tenha o seu maior entusiasta e acerrimo defensor por meio de associações, grupos, representantes, directa ou indirectamente influenciados pelo Touring Club.

E não só na metropole esse Club exerce proficuamente a sua patriotica acção. Nas colonias francezas, como nos outros paizes, ele expande a propaganda das belezas e comodidades do seu paiz, procurando por todas as formas incitar o estrangeiro a que o visite.

O que se está exercendo na Italia em materia de turismo, excede tudo quanto as informações dos nossos correspondentes ali, tinham feito prevêr.

Mas em qualquer d'essas nações, os governos teem concêdido todo o apoio e as maiores facilidades á consecução d'essa obra, que eles classificam de benemerita da patria, tal é a previsão dos seus proveitosos resultados.

Em Portugal, onde tão facil, relativamente, seria estabelecer uma corrente de turistas estrangeiros, dadas todas as condições favoraveis com que a Natureza prodigamente o dotou, não se consegue fazer nada, principalmente porque, faltando o apoio governamental, que — a maior

parte das vezes — não tem bases onde assentar, a iniciativa particular desanima e nunca se sente com a coragem necessaria para vencer os obstaculos.

Mas, se a falta de apoio governamental é um facto, o que não é menos verdadeiro é que não ha quem tenha a energia suficiente para levar de vencida essa obra, que só uma vasta e lucida intelligencia, aliada a raras faculdades de trabalho, podia realizar.

E não ha quem tenha esses predicados, porque não ha tambem a intelligencia precisa para conceder — a quem se apresentasse n'essas condições — todas as facilidades e a ampla liberdade de acção absolutamente indispensaveis para se produzir obra util, proveitosa e benefica.

São tantas as peias, os entraves e os obstaculos que recheiam o circulo vicioso dos curtos de vistas que não ha meio de se sahir d'esta situação a que — em boa razão — não pode deixar de faltar o apoio do governo e a protecção de todos os que tinham por obrigação concedê-la para que em Portugal houvesse uma natural e regular exploração da industria de turismo, o que só redundaria em proveito de todos nós — da Nação.

Modificar-se-ha o criterio que agora existe?

JOSÉ LISBOA

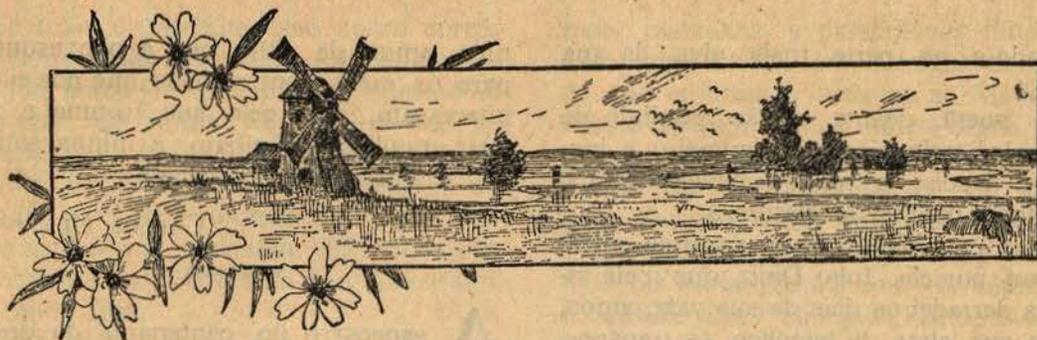
DR. JOSÉ D'ATHAYDE

E' com o mais sincero regosijo que damos aos nossos leitores a boa nova de se achar já completamente restabelecido da grave doença de que ha tempo foi acometido, o nosso muito querido amigo sr. dr. José d'Athayde, muito proficiente Director da Repartição de Turismo.

S. Ex.^a, correspondendo amavelmente aos cuidados que o seu estado de saude nos inspirara, teve a gentileza de nos de-

dicar a sua primeira visita; o que, em muito nos sensibilizando, deu-nos a grande alegria de o podermos abraçar.

Reiterando-lhe assim as nossas mais cordeaes felicitações, por o vermos já de novo dirigindo os serviços a seu cargo, aqui consignamos o testemunho da nossa satisfação por esse facto e o perduravel reconhecimento pela tocante amabilidade que S. Ex.^a nos dispensou.



O V CENTENARIO DA DESCOBERTA DA ILHA DA MADEIRA

PASSOU no dia 29 de Dezembro ultimo um dos factos mais notaveis e celebres para a formosa Ilha da Madeira: o 5.º centenario da sua descoberta.

Dada a sua grandeza especial, esse facto foi celebrado como o acontecimento de maior jubilo para todos os madeirenses, que lhe consagraram os mais dedicados e delirantes testemunhos de filiação e de enternecida alegria.

A *Revista de Turismo*, em cujas columnas se tem pugnado sempre com o maior entusiasmo pela defeza dos interesses e pelo justo e legitimo progresso d'essa bela ilha portugueza, que é considerada a «Perola do Atlantico», não pode deixar de regozijar-se pela celebração d'esse importante facto, apresentando por isso a todos os filhos da Madeira as suas mais calorosas felicitações.

Como prova dos seus melhores desejos de felicidade para a grande Ilha do Atlantico e da sinceridade dos votos que faz pelas suas prosperidades, associa-se muito gostosamente ás justas manifestações que lhe foram tributadas, transcrevendo o brilhante artigo com que um dos seus illustres filhos, o sr. dr. Carlos Olavo, comemorou a passagem feliz d'esse dia memoravel:

A PEROLA DO ATLANTICO

«O povo da Madeira celebra hoje o centenario da descoberta da sua ilha. E

eu, que sou seu filho, que n'ela nasci e fui criado, que ha onze anos tenho a simpatia, nunca interrompida, dos sufragios do seu eleitorado, não quero deixar de trazer, n'esta hora de festa, á terra do meu coração, o tributo d'uma homenagem, que é toda feita de ternura e de saudade.

Essa homenagem foi, de resto, já prestada por mim e pelos meus colegas, deputados da Madeira, perante a propria representação nacional: é um projecto em que propuzemos, entre outras coisas, que o dia de hoje fosse considerado de gala e feriado n'aquela ilha. O Parlamento não pôde ou não quiz tirar um pouco do seu tempo, que consumiu na vertigem das preocupações e dos debates politicos, para apreciar e votar aquele projecto de lei.

Seja como fôr, este dia é de gala para todos os madeirenses e é de festa entusiastica para toda a Madeira.

Devia-o ser para todo o paiz! A descoberta da Madeira é um facto que se destaca na historia de Portugal entre as paginas de ouro da sua grandiosa epopéa, pelo facto, em si, e porque representa o ponto de partida d'uma gloria maior e de descobrimentos mais vastos.

A Madeira é uma terra que devia ser descoberta por poetas. Os homens corajosos que, tomados de aventura, a foram encontrar no meio do mar, nunca compreenderam o seu encanto. O primeiro acto que esses homens rudes praticaram foi incendiar as suas densas florestas,

atingindo-a na parte mais viva da sua beleza.

Um poeta, diante d'esse prodigio de vegetação, teria ajoelhado primeiro e inspirado, depois, o mais exuberante e o mais forte poema da Natureza.

Todos os poetas que a viram se enterreceram por ela. Julio Diniz, que n'ela viveu os derradeiros dias da sua vida, amou, com a sua alma de bucolico, os transportes ardentes da sua paisagem; Antonio Nobre peregrinou, extasiado, entre os efluvios das suas rosas eternas e a harmonia das suas côres invariáveis; e Afonso Lopes Vieira, ainda ha dias me contava toda a profunda emoção que no seu espirito tinha deixado o espectáculo consolador d'aquela ilha incomparavel.

Mas, se a Madeira representou para os seus descobridores um ponto e uma *étape* no misterio vertiginoso da sua aventura, e para os poetas que a conheceram um motivo de inspiração contemplativa, para os homens publicos d'este paiz, aquela terra de maravilha não tem merecido a mais pequena atenção, nem o mais pequeno interesse.

Um dia, um inglez que conversava comigo sobre os melhoramentos de que a Madeira precisava, por ser a primeira estancia de prazer do mundo inteiro, fez-me esta pergunta, que me vexou: — «V. já pensou o que esta ilha seria se pertencesse á Inglaterra?»

E o certo é que, se esta pergunta feriu o meu sentimento pela intenção que continha, não deixou tambem de impressionar o meu espirito pela verdade que revelava.

A Madeira, tudo o que é, tudo o que tem, os melhoramentos que possui, os progressos que n'ela se tem rasgado, só ao esforço, á tenacidade, ao amor dos seus filhos o deve. Eu sei, os meus colegas, deputados da Madeira, sabem o que custa arrancar aos poderes publicos o mais pequeno beneficio para aquela terra, que, perdida no meio do mar, facilmente se esquece e se despreza.

Para a minha ilha querida, portanto, é que vae, n'este momento de festa, todo o

meu amor de filho que a não esquece, para os meus conterraneos que por ela se interessam, que pela sua fortuna e pela sua grandeza trabalham, a minha saudação e a minha solidariedade.

CARLOS OLAVO».

PROPOSITO do centenario da descoberta da Ilha da Madeira que é uma das mais naturaes e predestinadas estancias de turismo, vamos tambem archivar n'estas columnas a parte d'uma entrevista que foi concedida pelo prestigioso banqueiro d'aquela formosa Ilha, sr. Henrique Vieira de Castro, em que justamente se refere á industria das viagens na sua terra natal.

— E de turismo?

— Ah! O turismo! A velha «scie»! E' a minha grande ideia de ha muito: a maior, a enorme industria da Madeira é o turismo. Saibam exploral-o e ele cobre a ilha de ouro. Digo-o ha já anos, e ninguem ouve. Porquê? Porque a legislação geral isola a Madeira do mundo, creia, e ergue uma parede entre a voz da ilha e os ouvidos do Terreiro do Paço: não se pode; ha tal lei, tal prohibição, tal imposto, ha tal restricção, ha isto, ha aquilo, ha o diabo! Sabe? Não ha turismo, porque não ha dinheiro, dizem. Diacho! E' falso. Digam que não ha dinheiro para o Estado, para a ilha, porque não ha turismo. Mas dêem liberdade, e o dinheiro para as grandes empresas iniciadoras de melhoramentos aparece. O que se pretende é garantias legaes e respeito das condições da Madeira.

«Respeito? Que digo eu? Simples comprehensão é que é preciso. E' tudo questão de inteligencia e de boa vontade».

Estas palavras da nobre individualidade que é o ilustre banqueiro sr. Vieira de Castro, vem corroborar o que foi publicado n'esta Revista, em interessantes chronicas do seu antigo correspondente n'aquela Ilha.

Se mais claramente esse nosso correspondente então não falou foi, certamente, porque entendeu que, dada a enorme divulgação da nossa Revista e o seu fim especial de mostrar as nossas belezas e atrahir os nacionaes e sobretudo os estrangeiros, era conveniente não fazer apreciações que pudessem influir desfavoravelmente na vida d'essa portuguezissima e grande Ilha.

Uma vez, porém, que é um dos seus

mais distinctos e prestimosos filhos que não tem duvida em divulgar as causas de que enferma o turismo na Madeira, a nossa Revista, como unico órgão portuguez d'essa portentosa industria, não pode deixar de as reproduzir e de chamar para elas a atenção dos poderes publicos.

E' esta a nossa obrigação; e insistiremos no assumpto até que ele venha a ter o *desideratum* almejado, cumprindo assim, muito gostosamente, o nosso dever.

PATRIMONIO ARTISTICO

O RESULTADO DA IMPRUDENTE SATISFAÇÃO DE ESTULTOS CAPRICHOS

EM o n.º 81 d'esta Revista, referido a 5 de novembro de 1919, a proposito da constituição do *Conselho do Patrimonio Artistico*, escrevemos o artigo de que vamos extractar a seguinte parte:

—«Por decreto de 29 d'outubro ultimo foi creada pelo ministerio das Finanças uma instituição chamada «Conselho do Patrimonio Artistico que funcionará junto da Direcção Geral da Fazenda Publica e que exercerá as funcções de consultor sobre a distribuição, apropriação, destino, reconstituição e restauro dos bens moveis e imoveis, de valor historico, artistico ou archeologico que estão ou venham a estar na posse da administração do ministerio das Finanças.

«Ora, quem leu esse decreto — que não tem força de lei — e não saiba como o assumpto tem, até aqui, sido regulado, ficou certamente julgando ser essa uma medida de boa administração, em que o espirito conservador do actual titular da pasta das Finanças foi praticamente posto á prova; e assim, intimamente, não lhe regateou o seu aplauso.

«Mas nós, que não desconhecemos os meandros d'esse gesto ministerial, é que não podemos deixar de fazer o nosso reparo, porque ele, além de manifestar uma ignorancia completa da parte de quem tem a responsabilidade d'esse decreto, ou o simples desejo de arranjar mais nichos para albergar os seus insaciaveis amigos (e a fatia está, já talhada a contento do interessado), vem lançar n'uma grande confusão um serviço que estava legal e regularmente montado e que tem sido exercido com a maior competencia por proficientes auctoridades que constituem o Conselho d'Arte e Archeologia, d'entre as quaes destacamos os srs. dr. José de Figueiredo, D. José Pessanha, José Queiroz, etc.

«Este Conselho foi instituido por um decreto com força de lei, sendo-lhe exclusivamente confiadas as mesmas funcções que foram agora atribuidas ao novo Conselho do Patrimonio Artistico.

«Em que situação fica, pois, o primeiro Conselho?

«E' destituido por um simples decreto *sem força de lei*?

«Quaes são as suas novas atribuições e a que campo se limitam?

Continua na mesma? E como?»

.....
O que acima transcrevemos, escripto — como dissemos — em novembro de 1919, é o preambulo indispensavel para as considerações que nos sugére a notavel e preciosa conferencia que o distincto caudico sr. dr. Caldeira Coelho, fez em uma das noites do passado mez de Dezembro, nas salas da Associação dos Advogados.

Sem desprimor algum para essa douta Associação, nem para o illustre conferente, nosso muito prezado amigo, o facto é que foi um advogado e na Associação dos Advogados que se ventilou um assumpto que, sendo, mais ou menos do dominio publico, pertence exclusivamente a outra Associação não menos respeitavel: a dos Architectos e Archeologos.

Mas, emfim, como ultimamente a inversão das coisas e das pessoas é uma das mais claras manifestações da crise porque vimos passando, não temos remedio senão aceitar o facto consumado.

Posto isto, diremos que a conferencia do sr. dr. Caldeira Coelho é o echo d'essa grita que se vem fazendo ha já tempo — desde que se constituiu o celebre Conselho do Patrimonio Artistico, que ninguem sabe de quem se compõe, o que faz e onde pára; porque, desde que esse Conselho foi instituido (não se sabendo bem para quê) o Conselho d'Arte e Archeologia, que tinha a seu cargo velar pela conservação do nosso patrimonio artistico, historico e archeologico, desapareceu como por encanto; justificando, certamente, a sua falta com o facto de terem sido dispensados os seus serviços, visto que outro foi creado para exercer as funções que, justamente, lhe estavam comettidas.

Resultado: o Conselho do Patrimonio Artistico foi instituido parece que sómente

para satisfazer a vontade d'alguem, e nada mais; portanto não nasceu para trabalhar. O Conselho d'Arte e Archeologia sentiu-se melindrado com a sua illegal, illegitima e não justificada substituição, e deixou de fazer o que de proveitoso a sua acção tinha para o Paiz.

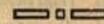
Portanto dois conselhos existindo e nenhum trabalhando.

Aqui está a causa do desleixo apontado pelo sr. dr. Caldeira Coelho, que, sem duvida, desconhece esta interessante fase da historia da conservação do nosso patrimonio artistico.

Aqui estão os resultados da sabia medida tomada pelo ministro das Finanças em novembro de 1919 para satisfazer a um amigo, pois outra não pode ser a justificação do seu procedimento criando o celebre Conselho do Patrimonio Artistico — medida a que fizemos logo o nosso immediato reparo, como atraz mostramos.

E' claro que da confusão em que se baralhou um tão importante como delicado assumpto, só podia esperar-se o cahos em que cahimos, e onde chafurdam casos como esse de Beja, em que figura um francez que comprou por 600\$000 réis parte d'um monumento que agora só quiere ceder por 24 contos.

E... j'en passe.



Era-nos muito agradavel, em atenção ao sr. dr. Caldeira Coelho e tambem para que a sua interessante conferencia ficasse registada em o nosso archivo, publical-a integralmente nas columnas d'esta Revista. Como, porém, a nossa publicação tem uma larga divulgação pelo Extranjeiro, onde nem tudo que cá se passa deve ser patenteado, abstemo-nos de o fazer.

Isso não obsta a que enderecemos ao illustre conferente os nossos respeitosos cumprimentos.

J. L.

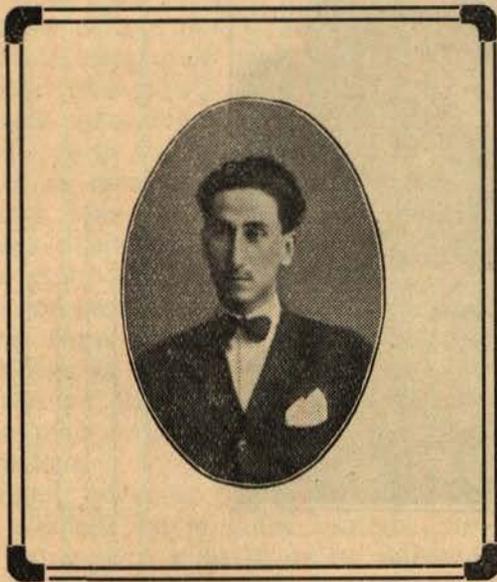




ARTE E LITERATURA

LUIZ CHRISTINO

A REVISTA DE TURISMO honra-se hoje apresentando, n'esta pagina dedicada á Arte e á Literatura, o retrato d'um dos artistas da moderna geração, o architecto Luiz Christino, filho muito



LUIZ CHRISTINO
ARQUITECTO

estremecido do nosso apreciado colaborador e distincto amigo sr. Ribeiro Christino.

Este novel architecto é diplomado pela Escola de Belas Artes de Lisboa, onde foi discipulo do illustre professor sr. José Luiz Monteiro; tendo estado dois

anos em Paris, como pensionista do Estado pelo legado «Visconde de Valmôr», onde seguiu um curso de aperfeiçoamento no atelier do grande architecto francez Mr. Lalloux. Tendo concluido esse tirocinio, partiu para Roma, ainda como pensionista, a fim d'alli terminar os seus estudos artisticos; devendo regressar a Portugal pelo meio do actual ano, na plena posse dos conhecimentos technicos da sua prodigiosa Arte.

Bastante novo ainda, pois conta apenas vinte e seis anos, é o notavel pensionista um continuador do nome e arte de seu pae e de seu avô paterno, o illustre pintor João Christino da Silva, que foi professor da Academia de Belas Artes de Lisboa.

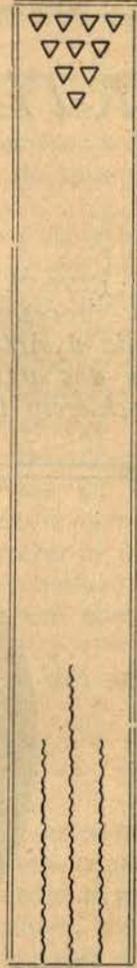
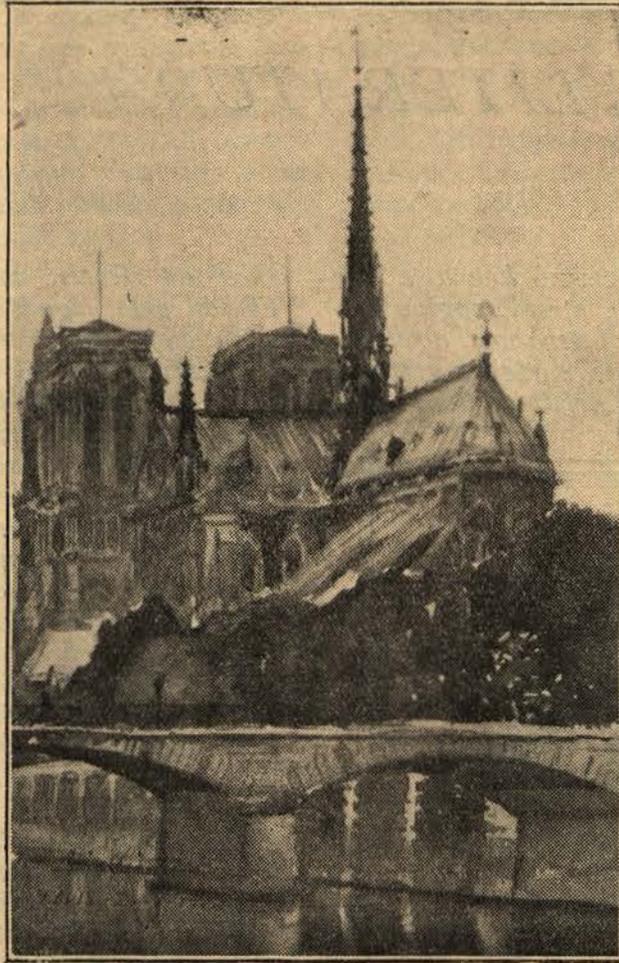
O joven architecto, durante a sua estada em Paris, obteve duas 2.^{as} medallas da Escola de Belas Artes, como honrosa classificação concedida a trabalhos que apresentou.

Luiz Christino tem uma verdadeira intuição para a bela arte que escolheu; e, assim, procura sempre juntar aos seus já vastos recursos, os conhecimentos das subtilidades que a sua intelligencia prescuta nas produções dos grandes mestres. Para isso percorreu já a Alemanha, a Belgica e todo o Norte da França, d'onde trouxe numerosas aguarelas, além de abundante documentação sobre a architectura.

Antes de partir de França, o seu

mestre Mr. Lalloux, em documento muito honroso, classificou esse seu discipulo portuguez de talent très personnel, o que dá bem a nota do valor do novel artista, agora em visita ás belezas

aguarela, feita em Paris nos primeiros tempos da sua estada ali. E' trabalho de belos relevos, denunciando a natural intuição d'artista que distingue Luiz Christino.



«ABSIDE NOTRE DAME DE PARIS», VISTA DO SENA

AGUARELA DE LUIZ CHRISTINO

architecturaes da Italia e da sua eterna cidade.

Aproveitando este simples tributo de homenagem que apresentamos ao nosso consagrado, inserimos, em gravura, uma das suas interessantes produções em

Felicitando o novel artista, endereçamos a seu pae as nossas mais afectuosas homenagens.



CARTAS DE PARIS

Nuremberg—A cidade—Muzeu—A casa dos Mestres-cantores—As velhas industrias alemãs—A paisagem da cidade do crepusculo—Francfort—A cidade financeira—A descida do Rheno—Escavações mixticas.

FUGINDO do imposto esmagador com que em Munich são tratados os estrangeiros, tomei o expresso de Nuremberg, ás primeiras horas da manhã.

No comboio parecia que mais alguém, compenetrado da mesma ideia, se escapava ás leis bávaras, tal o sorriso feliz que lhe bailava nos labios, ao deixarmos a vasta estação da capital da Baviera.

Em Nuremberg tinha que repetir a mesma habilidade; pois essa cidade fazendo parte do antigo reino bavaro, obedecia ás mesmas leis e aos mesmos impostos. Mas o comboio chegava á estação d'essa cidade ás onze horas; e como os dias eram grandes, até ás sete da tarde, em que passava o expresso de Francfort, havia tempo para ver a cidade-muzeu.

Nenhuma outra cidade da Alemanha conservou até aos nossos dias, um caracter mais original e um conjuncto tão completo.

Ruas, edificios, praças, tudo se encontra n'aquello estylo gotico, antigo, que dá ao estrangeiro a illusão de ter retrocedido uns seculos atraz.

Muitos edificios são de estylo da Renascença alemã, achando-se em admiravel estado de conservação. Entre eles pode citar-se o «museum-brucke», d'onde se disfructa uma vista cheia de pitoresco sobre o Pegnitz, rio que corta a cidade n'uma grande curva, com varias ilhotas povoadas de fabricas antigas, como no seculo XIV.

Lá se vê a velha roda hydraulica, vol-

teando lentamente, para mover os antigos teares da tradicional industria bávara.

Lá se vê, tambem, a velha casa dos Mestres Cantores de Nuremberg, que nos é mostrada por uma velhota sisuda e simples.

Dentro encontramos a sala onde se reuniam os Mestres Cantores, tendo ainda a velha chaminé onde antigamente crepitava o lume para aquecimento do ambiente.

N'ela se vê, tambem, a meza e mais mobiliario, que guarneciam a mesma sala, encontrando-se tudo magnificamente conservado.

O edificio da Camara Municipal, em estylo renascença, é digno de particular menção, pela grandeza das suas linhas e pela harmonia do conjuncto.

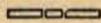
No emtanto, a maior atracção de Nuremberg é o panorama admiravel que se disfructa de junto do castelo Kaiserburg, podendo apreciar-se o conjuncto magnifico da cidade, derramada na larga concavidade do vale, com as mil cupulas esguias do casario, d'um vermelho têlha e d'um cinzento de lousa que impressiona.

No genero não ha melhor. Fica-se ali horas esquecidas; e quando a noite cae, as agulhas das cathedraes, rasgando uma neblina tenue, tem qualquer coisa de mystico.

Com esta bela imagem a bailar-me na retina, corri para a estação onde um comboio gigante, com as suas doze caruagens atulhadas de passageiros, esperava fumegante e impaciente o signal de partida.

Mal tive tempo de subir para a caruagem. O monstro abalou; e como era noite, deitei-me a contemplar os meus companheiros de viagem. Eram uma alemã franzina, de olhar doce, e penteado aberto ao meio, lembrando um pouco a Gioconda; um padre catholico, que abriu o breviario; um comerciante, e uma rapariga belga ou franceza, que se tornou escandalosamente ridicula pelo facto de se distrahir, desdenhosamente, pintando as faces e os labios, como se tivesse sido intimada por qualquer camara municipal para limpar a frontaria!

Achava-se tão superior no seu papel que parecia não ligar importancia a ninguem.



A' meia noite entrámos na vasta estação de Francfort, a maior da Alemanha depois da de Leipzig.

Ali, já fóra da contingencia dos impostos bavaros, pensei em me demorar uns dias; e não perdi o meu tempo, pois Francfort, a grande praça financeira da Alemanha, onde começou a sua vida e onde residiu Rotschild, é qualquer coisa de notavel e interessante.

Grandes armazens e grandes bancos formam o centro comercial, constituido quasi pelo *Kaiserstrass*, grande arteria que atravessa a cidade de lés a lés.

Ali mesmo a vida é mais barata do que n'outras cidades da Alemanha, e compra-se tudo por melhor preço que em Berlim e Colonia.

Como todas as boas cidades d'alem Rheno, tem Francfort um magnifico muzeu de pinturas com quadros de alto valor; um bairro primitivo, completamente restaurado, e uma cathedral gotica, não tão grandiosa como a de Colonia, mas de grandes linhas de beleza.

Uns dias passados, em Francfort, no melhor conforto, e gastando apenas dez francos diarios de hotel, esplendidamente servido, deixei a Alemanha com saudades, que mais se acentuaram na descida do Rheno em vapor até Bonn, com a evocação da historia legendaria d'essas muralhas derrubadas, que ornam as suas margens e que teem qualquer coisa de mystico e de sobre-humano.

Paris, Dezembro de 1922.

GUERRA MAIO.

EXTRANGEIRO

CARTA DA BELGICA

MEUS AMIGOS: Ha muito tempo que não vos escrevia. Falta d'ocasião — excesso de trabalho — seja o que fôr. O certo é que não tenho podido colaborar na *Revista de Turismo* tão assiduamente como desejava e como lhes prometi.

Emfim — essa minha colaboração tem sido feita de longes em longes, quando posso aproveitar um socego d'espírito que só consigo obter nas ferias.

Agora, as do fim d'ano, proporcionam-me esse ensejo; e, por isso, em mal alinhavadas frases, ahi vae o que tenho conseguido, por entre o labyrintho dos meus afazeres,

archivar d'impressões sobre o movimento turistico durante este meu interregno.

Começarei por me referir aos hoteis.

Cá e lá mais fadas ha — diz o dictado portuguez — e é bem certo. Todos aqui se queixam de que ha falta de hoteis e de que os que existem são insufficientes para a cathogoria das pessoas que nos visitam e, sobretudo, para o seu numero, sempre crescente, após a assignatura do Tratado de Versailles.

E comprehende-se a razão d'essa aluvião de estrangeiros que a Belgica conta hoje nas suas principaes cidades. Se bem que tenha já passado, por assim dizer, o periodo da curiosidade pelos estragos causados pela enorme hecatombe que asso-

lou o Mundo, o certo é que muitos estrangeiros ainda veem aqui no desejo de se certificarem com os seus próprios olhos do que foi a obra alemã, começada n'este paiz — como se sabe — muito antes de ter rebentado a guerra.

Por outro lado, as industrias belgas, depois da conflagração europeia, teem tomado um tal incremento que o mercado belga é hoje o mais procurado, não só pela excellencia da sua materia prima — agora melhorada, como pela modicidade relativa dos seus preços, pois hoje são inferiores aos da Alemanha. Esta, em vista de ter ficado sem a maior parte das suas minas de ferro, lucha com dificuldade para obter os materiaes destinados ás suas grandes industrias, que estão sendo fortemente concorridas pelas industrias belgas. D'ahi o motivo da vinda de milhares de estrangeiros ás mais importantes cidades d'este paiz; o que lhes causam um movimento transmissor de vida; porque, é claro, esses estrangeiros, durante o tempo em que aqui se demoram, não tratam só de negocios. Estes concertam-se durante as horas de trabalho. Fora d'elas, o estrangeiro passeia, visita museus, vae aos theatros e animatografos, frequenta cafés e restaurantes e em todos eles dá vida e deixa dinheiro.

E' este, portanto, mais um factor eventual que ajuda a Belgica a ressarcir-se dos fundos abalos que sofreu com a pavorosa guerra, de que ela foi uma — de resto — das maiores victimas.

Mas . . . os hoteis! Sempre a praga dos hoteis!

E não só aqui as queixas são constantes.

De França chegam-nos os échos de reclamações formuladas por identicos motivos. Ainda ha pouco o boletim do Touring Club da Belgica, talvez no intuito de conformar *os seus males com os do visinho*, dava á estampa um queixume da França, sobre os seus hoteis, que ella classifica da *praga do turismo*; dizendo que não há maior inimigo d'essa industria do que o hoteleiro.

Ora aqui está um verdadeiro paradoxo!

Ele todavia explica-se na seguinte frase d'um *hoteleiro* de *Morbilhan*: «Se os «turistas nos visitassem, construir-se-hiam «hoteis melhores que os nossos, onde eles «iriam alojar-se, e nós ficavamos... a vêr «eles irem para esses hoteis.»

A força d'este argumento é superior... á propria intelligencia d'esse hoteleiro; e, por isso, dispensa qualquer outra apreciação.

E deixemos este assumpto, para vos narrar algo mais.

Ora, não ha duvida de que a guerra trouxe alguns beneficios; mas a par d'elles vieram tambem muitos maleficios. Um d'estes é a anarchia moral que se tem manifestado por toda a parte e de diferentes maneiras. A falta de respeito pelas pessoas e pelas coisas, é um dos exemplos d'essa anarchia moral que peores fructos tem produzido. Em tudo e nas mais pequeninas coisas ella aparece como o symptoma apavorante d'um estado cahotico.

Entre muitos e variados casos que significam nitidamente este estado de coisas, um ha que me merece especial menção: Ha na Avenida Raikem, em Spa, um monumento a Felix Bernard, conhecido pelo «Ponto de vista encantador», onde se acha uma placa que tem gravado um inspirado soneto. Todos os estrangeiros que ali passam se demoram em contemplação; apreciando, interessados, tudo quanto de belo esse ponto oferece e saboreando os sentimentos de delicada piedade que inspiraram o soneto gravado na referida placa.

Pois sabem o que aconteceu?

Essa placa, que tem sido alvo de milhões de inteligentes e delicados olhares, está cheia de nomes *recordativos*, entre elles o de uma *senhora*, em letras azues, d'um decimetro d'altura; senhora que, em Gand, se tem aureolado com a mais *exquisita* historia.

Os clamôres que este facto tem levantado são unanimes. Mas... esses nomes ficarão marcados n'essa legendaria placa como um verdadeiro «Signal dos Tempos».

De resto, o vandalismo tem-se pronun-

ciado por toda a parte, quasi incessantemente. Nada a ele escapa.

Quanto a nós, esse maleficio provém dos louros colhidos pelos soldados nos campos de batalha, que lhes permitiram uma liberdade mal interpretada. E no fragôr do entusiasmo, todos os civis e militares que acompanhavam os heroes de regresso á terra natal, se permitiram usar d'uma estúpida licença, assim traduzida por cerebros mal formados ou formados de mais nas modernas theorias da incompreensivel e fatal inversão dos termos.

Antes de terminar vou referir-me ainda a um caso de turismo, que exprime o actual espirito dos francezes e as suas relações com os belgas, que os continuam tratando por «os nossos amigos», caso que define bem essa amizade.

Como se sabe, estão entabuladas as negociações para o estabelecimento dos acordos economicos entre a Belgica e a França. N'esses acordos, entra uma questão importante para o turismo, qual seja a circulação dos automoveis.

Ora, presentemente, os automoveis francezes circulam livremente na Belgica, ao passo que os belgas são, em França, sobrecarregados com um elevado imposto

de circulação, que vae até 52 francos por cada 24 horas!

— E isto sendo os «nossos amigos» de cá e de lá.

E' facto que os automoveis francezes passam em maior numero na Belgica que os belgas em França, explicando-se esse desequilibrio por diversas razões, entre elas o do preço da gazolina, que na Belgica é inferior ao da venda em França. A diferença de valor da moeda tambem é um motivo da maior circulação d'automoveis francezes na Belgica, principalmente os das regiões fronteiriças, visto o lucro que teem em virem abastecer-se nos mercados belgas.

Mas esses factores não justificam a diferença de tratamento entre povos que na guerra batalharam lado a lado, pelo mesmo ideal e na defeza dos mesmos interesses.

Veremos o que conseguirá a diplomacia dos negociadores dos acordos.

Por hoje não me alongo mais na constatação d'estes factos, aliás de relativo interesse, mas talvez uteis como subsidios para os filosofos e para os estudiosos.

E até á primeira oportunidade.

Bruxelas, Dezembro 1922.

J. C.

NO ALTO ALEMTEJO

A CIDADE de Portalegre, na provincia do Alemtejo, é capital de distrito, de concelho e de comarca, achando-se collocada 15 kilometros a Oeste da Fronteira de Hespanha, 60 kilometros a O. N. O. de Elvas, e 190 kilometros a S. E. de Lisboa. Está a 39° e 12' de latitude e 13° e 52' de longitude, situada no alto d'um monte fresco e delicioso, cercada por uma alta e dilatada serra, ramificação da Serra da Estrela, dominando uma vasta e fertil planicie.

Não se encontra, em nenhum dos geographos antigos, referencia á fundação

A CIDADE DE PORTALEGRE

d'esta velha cidade; mas frei Amador Araes diz-nos ser plausivel a suposição de haver sido fundada com os materiaes da antiga cidade de Medobriga, a qual devera a sua origem a Brigo, 4.º rei de Hespanha, 1.900 anos antes da era christã; e que fôra Lysias, filho de Baccho, que veio ter a estes sitios; e achando-os a seu gosto, edificou uma fortaleza e um templo consagrado a Dionisio, ou a Baccho, seu Deus, fortaleza e templo que demoravam no sitio onde hoje existe a ermida de S. Christovão; pelo que ainda hoje se dá o nome

de Ribeiro de Baccho a um arroio que corre proximo da ermida. Todavia, como Baccho era tambem uma divindade romana, não é isto prova de que a povoação tenha a remota antiguidade que alguns escriptores lhe pretendem dar. Em todo o caso, não ha duvida que é anti-quissima, pois é certo que já existia no tempo dos romanos, qualquer que fosse o local da sua situação, o qual, se não era o mesmo de hoje, pouco distante poderia ficar. Mas aparecem outros chronistas a pretender que o tal templo e fortaleza de Lysias fossem edificados perto de Marvão, afirmativa que seria difficil de deslindar e nos levaria mais longe do que comporta um escripto da indole do presente. Conta-se que tambem Lysias, fundando, reedificando, ou mudando a antiga *Medobriga*, lhe mudou o nome para o de *Amaya* ou *Ameya*, pelo que se infere de um cipo romano, talvez pedestal de alguma estatua, achado nos alicerces da ermida do Espirito Santo. O nome de *Amaya* proviria de uma filha de Lysias, chamada *Maia*, tendo sido tanto ela como seu pae sepultados no tal templo, a que o padre Carvalho, na sua *Corographia*, chamou *pagode*. Os romanos conservaram o nome que encontraram na povoação.

Medobriga, ou Amaya, em ruinas e despovoada, em consequencia das continuas e encarniçadas luctas da idade média, foi reedificada por D. Afonso III, em 1259, no sitio onde estavam umas vendas chamadas *Portêlos*, supondo-se que d'esta designação, e pela amenidade do local, se derivasse a de Portalegre. Assim corre na tradição popular, que nem sempre deixa de ter o devido fundamento. Parece que taes vendas eram no sitio onde mais tarde se edificou a ermida de S. Bartholomeu, e que, em redor d'elas se foram construindo habitações com os materiaes aproveitaveis das ruinas da antiga Amaya. Esta nova povoação veio a ter a mesma sorte da que a precedera, pois ocupada alternativamente por mouros e christãos, sofrendo os horrores de todas as povoações conquistadas, foi-se derruindo, abandonada dos seus moradores, até que D. Di-

niz tratou de reanima-la, mandando, em 1290, construir o robusto castelo, hoje em ruinas, e as duas cercas de fortes muralhas, com 12 torres e 8 portas, chamadas da Deveza, Postigo, d'Alegrete, d'Elvas, d'Evora, do Espirito Santo, de S. Francisco e do Bispo.

E' interessante saber-se que foi o proprio rei D. Diniz o primeiro a experimentar contra o seu poder, as fortificações que havia mandado construir, por isso que Portalegre tomou partido por seu irmão, o infante D. Afonso, que tinha o senhorio da terra, tendo o rei de pôr-lhe cerco, o qual durou cinco mezes, vindo por fim Portalegre a render-se, capitulando. Segundo o estipulado no tratado de paz, a cidade, que então era apenas simples vila, e Marvão, que tambem pertencia ao infante, passaram para a posse da Corôa, recebendo D. Afonso, em tróca, os castellos e vilas de Cintra o Ourem.

Foi o rei D. João III quem promoveu a creação do bispado de Portalegre, obtendo-a do Papa Paulo III, desmembrando para isso a diocese da Guarda e a de Evora, em 1549, sendo a vila n'esse mesmo ano elevada á cathegoria de cidade. O seu primeiro prelado diocesano foi D. Julião d'Alva, natural de Castela, muito protegido do soberano e de sua esposa a rainha D. Catharina.

Vilhena Barbosa diz-nos que fôra D. Afonso III, quando mandou povoar Portalegre, em 1259, que lhe deu o foral de vila, com varios privilegios, e que n'essas escripturas se dá á povoação o nome de *Portus-Alacer*, que significa o nome actual, vindo *Portus* de um sitio chamado Porto, que fica entre a Penha de S. Thomé e a Cabeça de Mouro, e *Alacer* da sua alegre situação, como já se disse.

A Serra de Portalegre é das mais altas de Portugal, e d'ela se descobrem varias povoações da Beira Baixa e do Alemtejo, e a Serra da Estrela. Cobre-a frondoso arvoredado, e tem muita agua, o que a torna deveras agradável. O monte onde a cidade está fundada, é uma projecção da serra do seu nome, estendendo-se a povoação pela encosta do lado do Norte. De um

lado desce o monte suavemente para um vale fresco e ameno, regado por diferentes ribeiros e povoado de arvores de diversas qualidades; e do outro lado precipita-se em barrancos e quebradas, de bastante profundidade, coberto, em parte, por olivêdos. Do Norte ha uma vasta planicie, extensa devesa de castanheiros e pomares de frutas variadas, alternando com belas quintas, com muitas vinhas e cereaes, por entre as quaes se espraia a ribeira de Niza, que banha este vale.

No antigo regimen, Portalegre tinha voto em côrtes, com assento no quarto banco e eram seus alcaides-môres os Azevedos. O seu brazão é constituído por duas torres em campo de prata, com o escudo coroadado, dizendo escriptores varios que

essas torres representam as que outr'ora guardavam a chamada porta da Deveza. A cidade tem hoje apenas duas freguezias, mas já teve sete, ahi pelos anos de 1550, a saber: Santa Maria Grande, S. Vicente, Sé Cathedral, S. Thiago, S. Martinho, S. Lourenço e Santa Maria Magdalena. Em 1857 foram suprimidas as de Santa Maria Magdalena e de S. Martinho, tendo anteriormente sido suprimidas as de S. Vicente e Santa Maria Grande.

O concelho consta, de ha muito, de 10 freguezias, sendo Alagôa, Alegrete, Carreiras, Fortios, Reguengo, Ribeira de Niza, S. Julião e Urra, além das duas da cidade, abrigando cerca de 15:000 almas, segundo o ultimo censo.

PORTUGAL NO EXTRANGEIRO

BONS AMIGOS E MAUS AMIGOS

UM jornal de Amsterdam publicou, ha tempo, uma série d'artigos desprimorosos para a gente de Lisboa, assignados por um qualquer jornalista que estivera de passagem na nossa capital. O sr. Voetelink, que conhecendo muito bem o nosso paiz, d'ele e da sua gente conserva as melhores recordações, chamou immediatamente para o assunto a atenção do nosso ministrô na Haia que, sem demora, protestou com energia contra taes escritos.

Em contraposição a semelhante campanha e no intuito de tornar o nosso paiz, as suas belezas e os seus thesouros conhecidos na Holanda, o sr. Voetelink, como representante n'aquelle paiz da Sociedade Propaganda de Portugal, conseguiu que a Sociedade de Geografia de Amsterdam convidasse o illustre professor dr. M. G. de Boer, a realizar uma conferencia sobre Portugal.

Essa conferencia realizou-se na noite de 30 de dezembro e n'ela o dr. Boer, que tambem conhece o nosso paiz, pois já cá esteve por duas vezes, tendo sobre as suas condições feito varios estudos,

relatou as suas impressões sobre Portugal, fazendo acompanhar as suas palavras de projecções luminosas em que apresentava as principaes cidades, monumentos e paesagens de Portugal. O publico aplaudiu entusiasmado o conferente, que tambem foi, no final, cumprimentado pelo presidente da referida sociedade.

Assistiram a essa palestra todos os directores da Sociedade de Geografia, o encarregado de negocios de Portugal na Haia, o sr. J. Voetelink, vice-consul de Portugal que representava o consul, muitos professores, estudantes e comerciantes de Amsterdam.

Segundo nos consta, a Mala Real Holandesa tenciona distribuir como «guia illustrado» a conferencia do sr. dr. Boer, que possivelmente a repetirá em outras cidades holandezas.

Esse trabalho será traduzido em francez, inglez e alemão, sendo por isso merecedor do auxilio de todos os portuguezes e especialmente do nosso commercio. E' este um bom meio de propaganda, a que não podemos deixar de dar o nosso maior aplauso.

MELHORAMENTOS LOCAES

EM CINTRA

DISTINGUE-SE, por forma notavel, a maneira porque a Delegação da Sociedade «Propaganda de Portugal», em Cintra, tem comprehendido a sua patriótica missão, interessando-se com todo o disvelo pela melhoria das condições materiaes d'aquela encantadora estancia de turismo.

Em obediencia ao estipulado nos estatutos d'aquela Sociedade, acaba a referida Delegação de publicar o relatório dos trabalhos realizados, pelo qual se aprecia com quanta dedicação e com quanto patriotismo tem conseguido as realizações que já se acham constatadas, pela resolução do importante problema do abastecimento d'agua, além das melhorias no serviço de regas das ruas e caminhos da vila, principalmente durante a estação calmosa; do aformoseamento da estação do caminho de ferro, e de tantas outras em via de se alcançar.

Finalmente, a mesma Delegação, animada com os bons resultados dos seus trabalhos, acaba de promover a criação da «Sociedade de Turismo de Cintra», que se propõe fazer a mais intensa propaganda para atrahir áquela bela estancia o maior numero de forasteiros, tanto nacionaes como estrangeiros. N'esse sentido já adquiriu terreno para a construção d'um grande casino e d'um theatro, propondo-se tambem construir parques e quaesquer outras installações que possam influir na realização da sua obra.

E' este um nobre exemplo a séguir, e nunca serão bastantes todos os louvores que se teçam áquela Delegação, que tão patrioticamente tem posto á prova toda a sua actividade e dedicação enthusiasmada em conseguir os melhoramentos reclamados por aquela estancia de turismo, que é das mais encantadoras e atrahentes do nosso paiz.

CIRCULAÇÃO D'AUTOMOVEIS

SENDO o automobilismo e o motociclismo meios de transporte que muito interessam ao turismo, a seguir transcrevemos a portaria publicada pela Administração Geral das Estradas e Turismo, no *Diario do Governo* n.º 269 da 1.ª série, referido a 28 de Dezembro do ano findo, pela qual são alteradas as taxas que constituem os emolumentos designados na tabela anexa ao regulamento sobre a circulação d'automoveis e motocicletas:

MINISTÉRIO DO COMÉRCIO E COMUNICAÇÕES

Administração Geral das Estradas e Turismo
Repartição de Estradas

Portaria n.º 3.414

O Governô da República Portuguesa,
pelo Ministro do Comércio e Comunica-

ções, concordando com a proposta do administrador geral das Estradas e Turismo: manda que a tabela dos emolumentos anexa ao regulamento sôbre a circulação de automôveis, aprovada por decreto com força de lei de 27 de Maio de 1911, seja, a título provisório, modificada da seguinte forma:

Exame e livrete para circulação de um automovel.....	30\$00
Exame e licença para condutor amador de automôveis.....	50\$00
Exame e licença para condutor profissional.....	25\$00
Registo no livrete por transmissão a um novo proprietário.....	10\$00
Ajudas de custo ao examinador por cada dia fóra da séde.....	18\$00
Exame e livrete para circulação de um motociclo.....	15\$00
Registo de transmissão de propriedade de um motociclo.....	5\$00

Cancelamento de registos e alterações de domicílios (automóveis).....	10\$00
Cancelamento de registos e alterações de domicílios (motociclos)..	5\$00
Exame de condutor amador de motociclos..	25\$00
Exame de condutor profissional.....	12\$50
Substituição de licenças ou livrete (deteriorados ou extraviados).....	5\$00
Certidão (uma página)..	10\$00

Certidões (cada página a mais).....	5\$00
Inspeção de automóvel feita fóra do edificio da comissão.....	10\$00

Paços do Govêrno da República, 28 de Dezembro de 1922. — O Ministro do Comércio e Comunicações, *Fernando Bredode*.

ATENÇÃO

Aos nossos assignantes e anunciantes

O aumento da franquia postal leva-nos a chamar a atenção dos nossos assignantes e anunciantes para necessidade de evitarem despesas á Administração da *Revista de Turismo*, e assim vimos pedir-lhe encarecidamente que satisfaçam a importancia das suas assignaturas por meio de vale do correio, ordem postal ou carta registada, acusando nós a recepção na secção; especial — **Serviço de expediente**.

Até aqui, um recibo enviado á cobrança importava, além do custo do impresso respectivo, em 2 centavos de selo e 10 centavos do registo do titulo não sendo porteada a liquidação. Agora, esse mesmo recibo custa, além do impresso, 2 centavos do selo e 25 centavos de registo, 10 centavos de liquidação e mais 30 centavos de premio anual.

Em centenas de recibos que, annualmente mandamos á co-

brança, este agravamen todas taxas postaes representa para a administração da nossa *Revista* um aumento de despeza incalculavel.

A administração da *Revista de Turismo*, limitará o mais que possa as despesas com franquias e portes de correio, no que, como todos devem reconhecer, tem justificada razão.



«REVISTA DE TURISMO»

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Portugal—Cont. — semest.	5\$00
Ano	10\$00
Colonias—ano	15\$00
Extrangeiro—ano.....	20\$00

Numero avulso 1\$00 (1\$000 réis)

Composto e impresso no CENTRO TIPOGRAFICO COLONIAL.—
l largo Rafael Bordalo Pinheiro, 27 — (Antigo Largo d'Abegoaria)